

## **Algumas questões da pedagogia do teatro**

por Francisco Medeiros<sup>28</sup>

Na vida, pelo menos para mim, há coisas irresistíveis. Seguramente, uma delas é a oportunidade de participar de acontecimentos que propiciam trocas: não consigo resistir. Porque são raras as oportunidades de nos sentirmos VIVOS, e a troca nos coloca sempre em movimento, em cheque, sobretudo pelo contato com o outro. O texto aqui presente decorre, portanto, de um processo de troca ocorrido em 13 de novembro de 2009, em um evento de dramaturgia promovido pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

Gostaria de dizer, para começar, que não me considero um professor. Por ofício, sou diretor de coisas ao vivo, quer dizer, minha atividade principal é participar de coletivos destinados a criar coisas ao vivo – seja teatro, dança, performance, ópera, enfim, não importa...

O exercício regular dessa atividade despertou em mim o interesse pela formação porque, na grande maioria dos casos, a experiência de criação, para um diretor, envolve sempre um aspecto pedagógico. Daí minha atração pela formação na área das artes cênicas. Desse

---

<sup>28</sup> Diretor teatral diplomado em direção, crítica e dramaturgia pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Com mais de 120 trabalhos como diretor de teatro, dança, ópera e performance é, também, professor do curso Comunicação das Artes do Corpo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

modo, posso afirmar que acabei por me envolver com instituições de ensino basicamente por interesse. Assim, apesar de este, em meu caso, ter sido um espaço conflituado, sem nenhuma nostalgia, sinto que havia um espaço maior de diálogo entre a universidade e os artistas em atividade.

Lembro-me que trabalhei durante um tempo na Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (atual Universidade do Rio de Janeiro – UniRio), e lá havia uma rubrica: “professor residente”. Em outra época, fui convidado a dirigir um trabalho de conclusão de curso na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e fui contratado como “professor convidado”. Digamos que minha carreira pela universidade esbarra, principalmente, no fato de, até hoje, não ter conseguido criar condições objetivas para fazer o mestrado e, conseqüentemente, o doutorado. Já tentei, por duas vezes, mas compromissos profissionais me levaram a ficar longas temporadas fora de São Paulo. Ao voltar, as necessidades de cumprimentos de créditos tornavam impossível a conclusão do curso, o que me impediu de continuar.

Do modo como tenho trabalhado, o cotidiano de um diretor de teatro inclui uma jornada mínima de seis horas diárias, seis dias por semana em sala de ensaio. Esse tempo é despendido com o coletivo, sem contar as horas de trabalho solitário e os contatos com os integrantes da equipe de criação. Por conta de tudo isso, tem sido muito difícil conseguir tempo para a realização de uma pós-graduação. Por isso o diálogo com a universidade torna-se cada dia mais limitado.

Pelos aspectos apresentados, vividos e apreendidos, para além de meu próprio caso, parece mesmo que as universidades têm, a cada dia, menos interesse em trocar experiências com artistas que não têm títulos. Independentemente disso, considero-me um apaixonado pela formação do artista.

Quando aceitei participar do evento, motivou-me o desejo de ir além da apresentação de relatos de processos ou da transmissão de informações. Senti-me desafiado a propor questões para estimular a conversa que se daria quando da apresentação da fala que iria

apresentar. Mesmo porque, a partir da inquietação inicial, motivadora de minha tentativa de diálogo, uma primeira e determinante questão se apresentava: é possível ensinar Arte?

Ouvi certa vez um mestre afirmar: “Arte não se ensina, se aprende.” Apesar de a formulação ser aparentemente simples, aquilo calou fundo em mim. Posso mesmo, sem exageros, afirmar que aquela formulação mudou minha maneira de encarar meu ofício.

O que significa formar um artista?

Qual é o sentido de um curso regular de artes?

Em outra ocasião, ainda tomado por aquelas primeiras inquietações, ouvi outro mestre afirmar o seguinte: “No processo de formação de um artista de teatro, o mais importante é a manutenção do espaço do risco.” Tal afirmação tomou-me de modo absoluto. Passei, a partir daí, a partilhar com todos não apenas a inquietação, mas a criação de espaços por meio dos quais esse estado fundamental à criação pudesse ser construído.

De certa forma, pelo menos em tese, tal tipo de pensamento se opõe a uma tendência dominante na atualidade: para muitos, o “bom profissional” é aquele que sabe exatamente o que quer e que tem a capacidade de solucionar rapidamente os problemas decorrentes de um processo de criação. Devo confessar que tenho dificuldades para dialogar com esse tipo de pensamento. Para mim, criação artística está intimamente ligada à aventura que inclui o desconhecido, o instável, tudo aquilo que está ainda para ser descoberto.

Nessa perspectiva, o ato de criação configura-se, antes de tudo, em viver o caos, o caminhar na escuridão, o estar à deriva. Sem tais essencialidades, fica difícil escolher um caminho, decidir-se por um rumo, descobrir um olhar sobre a obra, sobre o mundo e o relacionamento entre ambos.

Tais considerações levam-me a outra questão igualmente fundamental: qual é a função, o sentido e o lugar, o espaço do caos, no cotidiano criativo do artista?

Estamos todos, de certo modo, orientados para o cálculo do custo-benefício, das causas e consequências de tudo o que pensamos, somos e fazemos. Então, se durante nosso longo

processo de formação, tivermos oportunidade de visitar lugares menos consagrados, talvez possamos, dependendo de como nos envolvamos como isso, de ter condições de, por meio de nosso trabalho, nos transformar em artistas mais ricos, mais flexíveis, mais abertos. Este parece ser o sentido do espaço do risco.

Mais uma questão pode ser formulada: qual é a diferença entre estudo e pesquisa?

Talvez, e na quase totalidade dos projetos que se escreva, em nossas conversas, a palavra pesquisa tem frequência considerável e admirável. Não raras vezes, é comum usar a palavra para designar o impulso de informação a respeito de determinado tema ou assunto. Nessa perspectiva, será que não nos referimos a estudo? Neste contexto, não significa, ou lhe é intrínseca, a necessidade de buscar subsídios, informações importantes para alimentar um processo?

De outro modo, a palavra pesquisa parece estar mais ligada a uma atitude laboratorial. Ou seja, pesquisar é utilizar um cabedal de conhecimentos prévios para se lançar em um processo de busca cujo resultado é sempre imprevisível. Estudo e pesquisa são igualmente importantes para o artista; entretanto, guardam diferenças entre si.

Para dar continuidade ao processo de indagação permanente, que deve constituir a criação, uma questão mais é oportuna: qual é a importância do não saber na formação artística? E como isto influencia ou delinea a relação entre professor e aluno, ou entre mestre e discípulo?

A transmissão de informações não me parece ser um aspecto fundamental à figura de um professor. As informações estão à disposição de todos, sobretudo na contemporaneidade. O professor pode, sim, indicar caminhos que levem o estudante ao encontro das informações. Mas o processo educacional é, antes de mais nada, um momento de construção, de descobertas e de questionamentos, tanto para o professor quanto para o estudante.

É interessante também pensar que, inúmeras vezes, os resultados do aprendizado parecem ocultos, inatingíveis, abstratos, o que pode provocar grande aflição se estivermos dedicados a localizar objetivamente os efeitos de um curso, de um ano ou de

um semestre de estudos. Na verdade, e atendo-se à expressão em voga: nunca sabemos quando “a ficha vai cair”.

Às vezes nos damos conta disso quase instantaneamente; às vezes descobrimos o sentido do aprendizado muitos anos depois...

Meu sonho, como educador, não é o de ensinar o estudante a ser um soldado destemido e exímio para enfrentar a guerra do mundo profissional. Não consigo ter nenhum interesse em formar um “soldado para a guerra”. Porque na guerra, além de ser necessário usar uma armadura, não apenas protetora, o extermínio do inimigo é um dado importante, vital. No mundo da arte, num país de tantos contrastes como o nosso e, mais ainda, pensando especificamente no universo do teatro, vivemos uma situação de indigência quase absoluta: não há mercado, no sentido rigoroso do termo. Portanto, em não havendo mercado, não há o menor sentido em se aprimorar para enfrentar a “concorrência ferrenha”.

Considero que os períodos de formação devem ser momentos em que o estudante, o aprendiz, deva ter a oportunidade de entrar em contato consigo mesmo, com seu eixo, com seus anseios e com as ferramentas essenciais de seu ofício, com vistas a intentar um caminho por meio do qual seus olhos e sentidos possam se abrir para o mundo. Desta fricção entre sujeito e meio, entre o privado e o público, poderá nascer um artista VIVO e CONECTADO com seu tempo: um potente candidato a ser um criador valente, destemido, cidadão participante do mundo, com os pés no presente e o olhar direcionado para o futuro.

O artista, para mim, antes de mais nada, é o construtor de um mundo sempre renovado, não um astuto descobridor do seu lugar em um mundo já existente. Desse modo, poderá nascer um ser humano capaz de fazer escolhas próprias; conseqüentemente, poderá nascer nele um artista VIVO, INSTIGANTE, EM CARNE VIVA, capaz de se deixar atravessar pelos instantes de vida. Por decorrência disso, poderão ser ampliadas as chances de que suas criações também coloquem o espectador em movimento, revelando e questionando tantas outras facetas da vida, como ESTABILIDADE, CERTEZA, PERMANÊNCIA.